

O Progresso Catholico

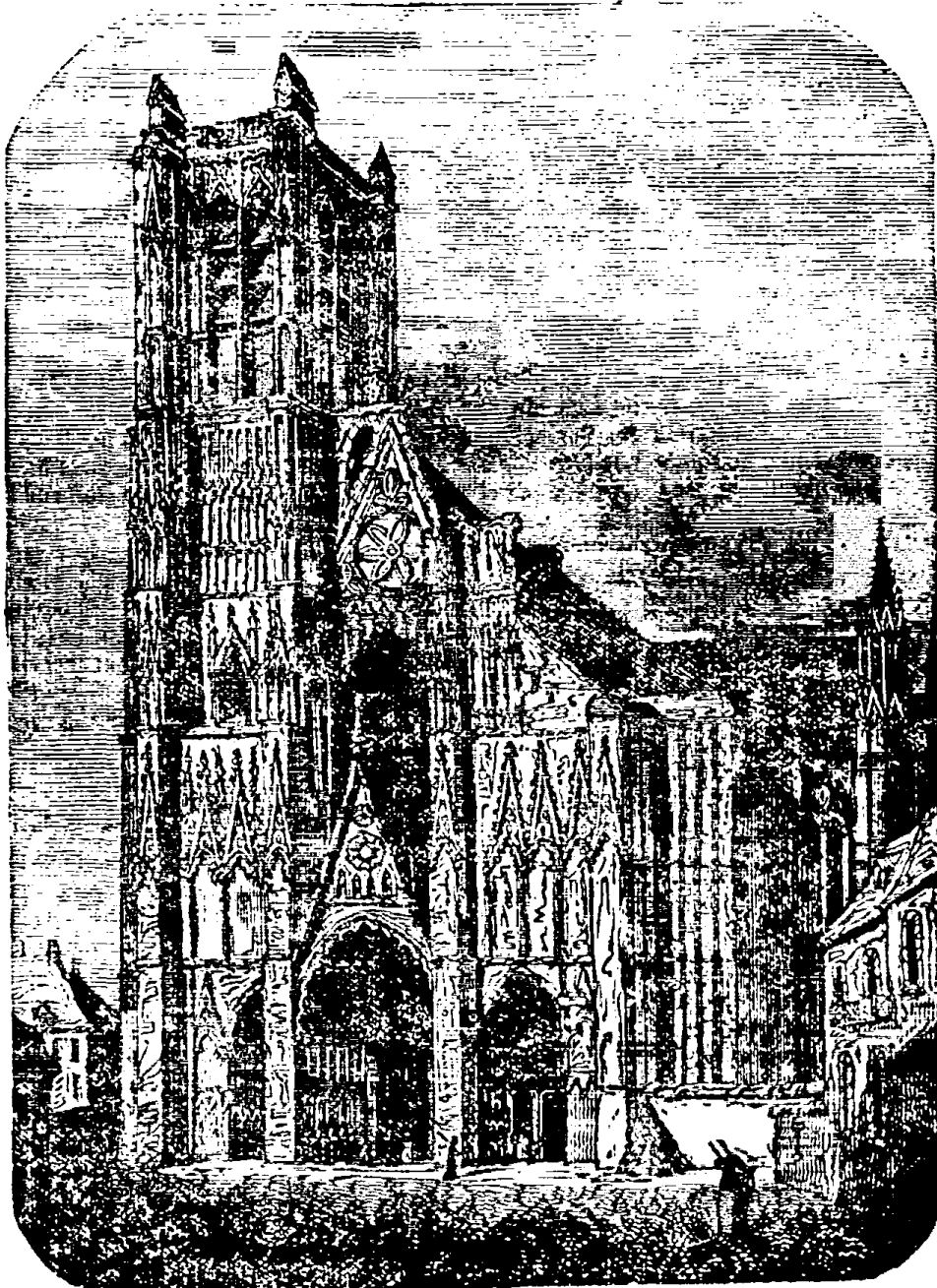
.... sequor autem, si quo modo
comprehendam....

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



CATHEDRAL DE AUXERRE

SUMMARIO: *Carta Encyclica de S. Sanctidade Leão XIII, Papa pela Providencia Divina, A'cerca do Rosario de Maria; Portuguezes, unido!*—Secção Critica: *Clero*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada.—Secção de Communicados, *Festividade do Senhor dos Milagres*, por J. A. M. J.—Retrospecto, por D.—Variedades: *O cavalleiro da Pomba*.

Gravura: *Cathedral de Auxerre.*

Carta Encyclica de S. Sanctidade Leão XIII

PAPA PELA PROVIDENCIA DIVINA

ÁCERCA DO ROSARIO DE MARIA

Aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinarios dos lugares em paz e communhão com a Sé Apostolica.

*Veneraveis Irmãos,
saúde e benção Apostolica*

(Conclusão)

POR esta abundancia de graça, a mais excellente prerogativa da Virgem Sanctissima, excede ella muito a todas as ordens dos homens e dos anjos, de todas as creaturas, a mais proxima de Deus: «E' uma notavel mercê para cada Sancto ter a graça sufficiente para a salvação de muitos. Se tivessem, porém quanta fosse necessaria para a salvação de todos os homens que existem no mundo, seria esse o dom por excellencia, o qual se encontra em Jesus Christo e na bemaventurada Virgem» (1). Logo, quando a saudamos com as palavras da saudação angelica, cheia de graça, e formamos d'essa saudação reiterada como que uma coroa de louvores, não se poderia dizer quam agradaveis e prezados lhe somos: na verdade, cada vez evocamos, por assim dizer, a memoria de sua excelsa dignidade e da obra da Redempção do genero humano, realisada por Deus mediante seu intermedio; e essa saudação recorda tambem o laço divino a perpetuo que a associa ás alegrias e ás dores de Jesus, aos seus opprobrios e seus triumphos, no governo e assistencia dos homens para o fim eterno.

Se á divina benignidade de Jesus Christo aprouve similhar-se connosco, a tal ponto que pôde dizer-se e apresentar-se como Filho do homem, e até como nosso irmão, para que mais sobressaísse a sua misericordia para connosco, como affirma S. Paulo: «Deve similhar-se em tudo a seu irmão para ser misericordioso (2).» De igual sorte, Maria, escolhida para Mãe de Jesus Christo, nosso irmão, recebeu um pri-

vilégio unico, entre todas as mães, para nos testemunhar e derramar sobre nós a sua misericordia. E se a Jesus Christo devemos o participar do direito proprio que elle nos communicou, de chamar a Deus Pae nosso, e considerá-lo como tal, da mesma forma lhe devemos o ter sido chamados a participar do direito de invocar e ter a Maria por nossa Mãe.

Como a propria natureza fez tam suave este nome de mãe e na mãe poz como que o modêlo do amor terno e providente, não pôde a lingua convenientemente exprimir, mas apenas podem as almas piedosas sentir, o que é essa chamma de caridade benevola e activa em Maria, que é uma mãe para todos, não segundo a natureza, mas por Jesus Christo. E ella conhece bem a fundo os nossos negocios; sabe de que socorros precisamos para a vida; vê os perigos publicos ou particulares a que andamos expostos e as provações que nos mortificam; conhece principalmente os inimigos terriveis que nos cumpre repellir para salvarmos nossa alma; em todas estas difficuldades da vida e em quaesquer outras, pôde muito mais efficaçmente, e deseja com muito mais ardor, dispensar a seus filhos as consolações, a fortaleza, os socorros de todo o genero.

Recorramos por isso a Maria sem timidez nem tibieza, supplicando-lhe por esses laços maternas que a unem tam intimamente a Jesus e a nós; imploremos devotamente a sua assistencia pelo genero de oração que tam grato lhe é e por ella propria ensinado: com justo titulo poderemos apoiar-nos, confiada e alegremente, na protecção da melhor das mães.

A' recommendação advinda ao Rosario da mesma oração que o compõe, accresce a facilidade n'elle observada para insinuar e inculcar nas almas os pontos principaes da fé christã, por certo seu mais precioso merito. Com effeito, é sobretudo pela fé que directa e seguramente ascende o homem a Deus. e aprende a reverenciar de coração e espirito a infinita magestade d'esse

Deus Uno, o seu imperio sobre todas as coisas, o seu soberano poder, a sua sabedoria, a sua providencia: «porque para se approximar de Deus, é necessario crer que Elle é, e recompensa aos que o buscam». (1) Ora como o Filho eterno de Deus tomou a nossa humanidade, e brilhou a nossos olhos, e se mostra sempre como o caminho, a verdade e a vida, importa que tambem a nossa fé abrace os elevados mysterios da augusta Trindade das pessoas divinas e do Filho de Deus feito homem, porque «a vida eterna consiste em que elles conheçam por um só verdadeiro Deus a vós e a Jesus Christo que nos enviastes» (2).

Em verdade, Deus nos concedeu um grande dom quando nos gratificou com essa sancta fé, por cujo beneficio não só nos elevamos acima das coisas humanas como associados á natureza divina, mas temos ainda um titulo privilegiado ás recompensas eternas; e é por isso que a nossa esperanza se sustenta e se confirma no pensamento de que um dia nos será dado ver o mesmo Deus, não atravez das apparencias obscuras das coisas, mas em plena luz, gozando nós d'Elle eternamente como bem supremo.

Anda porém distraído o christão por tam diversos cuidados materiaes, e tam facilmente se gasta em futilidades, que sem frequentes advertencias que o auxiliem, desaprenderia n'um lento esquecimento as coisas mais necessarias e mais importantes, e, pela mesma razão, viria a sua fé a enfraquecer e até por completo a desfinhar.

Para afastar de seus filhos este gravissimo perigo da ignorancia não omitta a Igreja meio algum de vigilancia e sollicitude, e não é o menor dos auxilios o que habitualmente lhe advem do Rosario de Maria. Em verdade, por elle, mediante a mais bella e mais fecunda oração, recitada n'uma ordem determinada, deslisam successivamente perante a memoria, e se offerecem á meditação,

(1) S. Thom., ap VIII *Super salute angelica*.

(2) *Hebr.* II, 17.

(1) *Hebr.* XI, 6.

(2) *Joann.* XVII, 3.

os mysterios principaes da religião christã: de primeiro, são aquelles que nos lembram que «o Verbo se fez carne,» e que Maria, tornada mãe sem nada perder de seu privilegio de Virgem, lhe conferiu com uma sancta alegria os deveres da maternidade; depois, as amarguras da Paixão de Christo, a crucificação, o supplicio por cujo preço foi operada a salvação da nossa raça; o seu triumpho sobre a morte, a sua ascensão ao céu, a vinda do Espirito Sancto, e o brilhantismo assombroso da recepção de Maria, e de seu Filho, e dos bemaventurados todos, na gloria eterna.

Frequente e periodicamente, é lembrado este admiravel conjuncto de mysterios ao espirito dos fieis e posto deante de seus olhos; e isto por meio do Rosario, que diffunde na alma dos que o recitam piedosamente como que um sentimento sempre novo de gratissimo fervor, que os toca e commove, como se ouvissem a propria voz da mais indulgente das mães a explicar-lhes esses mesmos mysterios e a dirigir-lhes toda a sorte de palavras salutaras. E, conseguintemente, não é temeridade afirmar que nos logares, nas familias e nações, onde fôr vigente o antigo uso do Rosario, nada ha que recear da ignorancia e dos erros pestilenciaes acerca da fé.

Outra não menor vantagem ha porém no Rosario, que a Igreja procura para seus filhos: é que elles mais assiduamente conformem sua vida e seus costumes á regra e aos ensinamentos da fé sagrada. Com effeito se, como todos creem, consoante uma palavra divinamente inspirada, «a fé sem as obras é morta,» (1) porque a fé haure sua vida da caridade, e a caridade ténde á fecundidade das obras sanctas, seguramente não tirará o christão proveito da sua fé para a vida eterna, se não regula por ella o seu procedimento. «Que servirá, meus irmãos, a qualquer dizer que tem fé, se não tem obras? A fé poderá salvar-o? (2) Esses taes, ao contrario, incorrerão muito mais severamente no rigor do Juiz Jesus Christo, que aquelles que hajam tido a desventura de ignorar a fé e a doutrina christã, pois não são como esses peccadores que vivem de modo differente por que não créem; mas estes, na mingua da luz evangelica teem certa desculpa, ou serão, na verdade, menos culpados.

Para que nos alegre pois a fé que professamos com seus ditos fructos, importa que, pela contemplação dos mysterios pelo nosso espirito, a nossa alma se excite generosamente á practica das virtudes; porque é uma obra fertil em fructos de salvação a de Nosso

Senhor Jesus Christo, tal como se apresenta a nossos olhos e em todas as partes para nós brilha como exemplo. Este grande Deus omnipotente, na infinita caridade que o impelle para nós, reduz-se á infima condição de homem, habita no meio de nós como um dos nossos, conversa familiarmente, ensina os individuos e as multidões e instrue-os em toda a justiça; é um mestre eminentemente em seus discursos, um Deus por auctoridade. Prodigaliza-se, multiplicando os seus beneficios sobre a face da terra; cura os agredidos de molestias corporaes, e com paternal sollicitude allivia os que soffrem das, muito mais graves, molestias da alma. Aquelles a quem a miseria afflige ou verga ao peso de cuidados, convida-os por estas enternecedoras palavras: «Vinde a mim vós todos, que andais afflictos ou em trabalhos, e eu vos alliviarei.» (1) Então, em quanto não repousamos sobre seu seio, insuffla-nos esse fogo mystico que veiu trazer aos homens, e nos comunica alguma parte da sua docura e humildade, para, segundo seu desejo, nos fazer participes, pela practica das virtudes, da verdadeira e solidapaz de que elle é auctor: «Aprendei de mim que sou humilde e manso de coração, e encontrareis o repouso de vossas almas.» (2) Elle porém, por essa luz da celeste sabedoria que veiu allumiar, e essa copia de beneficios que lhe devera ter feito bemmerecer dos homens, incorreu nos odios d'esses mesmos homens, atrahiu sobre si os mais odiosos ultrages e espalhou seu sangue e deu sua vida ligado á Cruz, nada mais vehementemente desejando que conquistar-lhes, pela morte, a vida. Impossivel é meditar attentamente tam grandes e generosos testemunhos do amor de nosso Redemptor, sem nos sentirmos abrasados d'uma gratissima dedicação para com elle. Mais ainda: o ardor d'esta verdadeira fé tornar-se á tam vivo que, esclarecido o espirito do homem, e vivamente excitado o seu coração, ella o arrastará, por assim dizer, todo inteiro sobre as pégadas d'esse mesmo Jesus Christo, ao qual, sem embargo de todos os obstaculos, o ligará até lhe fazer exclamar com S. Paulo: «Quem nos separará pois do amor de Christo? será a tribulação? ou a angustia? ou a fome? ou a perseguição? ou a espada?» (3) . . . «Eu vivo; não, não sou eu que vivo, mas Christo é que vive em mim.» (4)

Mas para que não succumbamos sob o terror que pôde inspirar-nos o sentimento de nossa fraqueza natural, que,

com seus mysterios, d'elle nos dá Jesus Christo, Deus e homem ao mesmo tempo, proponhamo'-nos contemplar também com os olhos do espirito os de sua Mãe Sanctissima. Ella é oriunda da raça real de David, mas nada lhe resta das riquezas e grandeza de seus antepassados; passa a vida na obscuridade, n'uma humilde cidadezinha, sob um tecto mais humilde ainda, tanto mais venturosa no seu retiro e na sua mediocridade, quanto pôde elevar-se para Deus com o espirito mais livre, dando-se-lhe de todo o coração, como a seu bem supremo. Mas o Senhor é com ella; enche-a e alegra-a de sua graça, e ella mesma é designada por um mensageiro celeste como devendo ser aquella de quem nascerá, em nossa humanidade, pela virtude do Espirito Sancto, o esperado Salvador das nações. Depois, ella admira esse gráu sublime de dignidade e refere toda a honra ao poder e á misericordia de Deus; humilha-se profundamente no sentimento de sua indignidade e declara-se, com um coração todo dedicado, como a serva d'esse Deus, do qual se tornou Mãe. E o que ella religiosamente prometteu, espontanea e religiosamente o executa, sendo desde então indissolvelmente formada a sua communidade de vida com Jesus Christo, seu filho, tanto nas amarguras como nos gózos. Alcançará um gráu de gloria a que ninguem, homem ou anjo, subira jamais, porque ninguem, em tempo algum, lhe podera ser equiparado em meritos, e d'este modo a corôa do imperio dos céos e da terra lhe pertence a ella a quem foi destinado ser a rainha invencivel dos martyres; e assim igualmente, na celeste cidade de Deus, estará sentada, cingida de diadema, por toda a eternidade, ao lado de seu Filho, porque ella terá bebido com elle, durante toda a vida, e sobretudo no Calvario, o calix d'onde trahordam as amarguras.

Deus, bondade e previdencia, deu-nos pois em Maria um modêlo de todas as virtudes, perfeitamente apropriadas ás nossas necessidades; e d'olhos e pensamento postos n'esse modêlo, não percamos a coragem, como á vista do esplendor da divina magestade que nos deslumbra, mas, animados pela affinidade de natureza, esforcemo'-nos com mais confiança por imital-o. Se nos dermos de todo, mórmente com seu auxilio, a esta imitação, ser-nos-á possivel reproduzir em nós alguns traços d'uma tam grande virtude e uma tam elevada sanctidade, e, por nossa vez, conformando, como ella admiravelmente praticou, toda a nossa vida á disposição da Providencia, ser-nos-á dado acompanhá-la no céu. Por este caminho, que nos animamos a seguir, por arduo e eriçado que seja de difficuldades, pro-

(1) Math. XI, 28.

(2) Ibid. 29.

(3) Rom. VIII, 35.

(4) Gal. II, 20.

(1) Iac. II, 20.

(2) Ibid. 14.

sigamos ávante, sempre com decida coragem e constancia firme. No meio dos pesares e fadigas não cessemos de levantar para Maria as mãos supplicantes, dirigindo-lhe estas palavras da Egreja: «A vós suspiramos, gemendo e chorando, n'este valle de lagrimas... Esses vossos olhos misericordiosos a nós voltei! Concedei-nos uma vida de innocencia, preparai-nos caminho seguro, para que eternamente nos alegremos vendo a Jesus.» (1) E ella que, não sentindo todavia nenhum effeito, conheceu a fragilidade e a corrupção de nossa natureza, e é a melhor e a mais dedicada de todas as mães, com que oportunidade e presteza accudirá a soccorrer-nos? Por este caminho, consagrado pelo sangue de Jesus e as lagrimas de sua Sancta Mãe, encontraremos sem custo uma saída segura que nos leve á participação de sua bemaventurada gloria.

O Rosario pois da Virgem Maria, no qual admiravel e effcazmente se encontram reunidos uma excellente fórma de oração, um meio precioso de conservar a fé e um exemplo sublime da perfeição da virtude, merece a todos os respeitos ser com frequencia passado entre as mãos dos christãos verdadeiros. n'uma piedosa recitação acompanhada de meditação. Queremos principalmente recommendar o a essa associação chamada da Sancta Familia, por Nós ultimamente louvada e regularmente approvada. Por que se esse mysterio da vida, tam cheia de silencio e obscuridade, de Nosso Senhor Jesus Christo passado entre as paredes da casa de Nazareth, é a razão-de-ser d'esta associação, na qual as familias christãs se applicam com zêlo a imitar o exemplo da Sancta Familia divinamente constituida, está tambem em notavel relação com o Rosario, no que principalmente concerne aos mysterios gozosos, contidos no facto de que Jesus, depois de ter manifestado no templo a sua sabedoria, «veiu com Maria e José a Nazareth, e alli lhes ficou submisso», preparando de certo modo os outros mysterios, que de mais perto deviam referir-se ao ensino e redempção dos homens. Considerem pois os associados quanto lhes cumpre serem devotos e ainda propagadores zelosos do Rosario.

Pela Nossa parte mantemos e confirmamos os favores da sancta indulgencia concedida nos annos precedentes aos que regularmente cumprirem, durante o mez de outubro, as condições prescriptas a este respeito; mas fiamos muito, Veneráveis Irmãos, de vossa auctoridade e vosso zêlo para que se estabeleça, sobretudo nas nações ca-

tholicas, uma sancta emulação de piedade para prestar á Virgem, auxilia-dora dos christãos, o piedoso culto do Rosario.

Ao terminar porém, do modo que a começamos, a Nossa exhortação, que remos testemunhar de novo, e ainda mais expressamente, os sentimentos de amor e d'um reconhecimento cheio da mais doce esperanza que temos pela augusta Mãe de Deus. Pedimos por isso os suffragios do povo christão, que Nós convidamos á oração, juncto dos altares, em favor da Egreja, tam experimentada n'estes tempos de provação e perturbação, e por Nós tambem, que, n'uma idade avançada, sobrecarregado de trabalhos, em lueta com as maiores difficuldades, desamparado de todo o soccorro humano, temos em mão o leme d'esta Egreja; porque a Nossa esperanza em Maria, boa e poderosa Mãe, augmenta de dia para dia com a experiencia e Nos sorri agradavelmente. Se á sua intercessão devemos os muitos e singulares beneficios que de Deus temos recebido, é a ella tambem que referimos, na effusão de nossa gratidão, a mercê que nos foi concedida de atingirmos o quinquagesimo anniversario de Nossa sagração episcopal. E bem grande é uma tal mercê para os que ponderam um tam longo lapso de tempo, decorrido na gerencia d'um ministerio pastoral, agitado por tantos cuidados quotidianos, mórmente depois que tivemos a guarda de todo o rebaulho christão.

N'esta longa duração, segundo a condição de toda a vida humana, e como é nos mysterios da vida de Jesus e de sua Mãe, as razões de alegria não Nos teem faltado, bem como numerosas e tristes causas de dôr, que com a alegria teem vindo involtas. Umás e outras, submettendo-Nos igualmente em todas as coisas a Deus com gratidão. Nos hemos esforçado por converter em bem e ornamento da Egreja. E agora ainda, porque o resto da Nossa vida se não desviará do que o precedeu, se novas alegrias nos brilharem ou novas provações nos ameaçarem; se algum novo brilho de gloria se accrescentar a Nosso Pontificado, acceitando tudo com o mesmo espirito e o mesmo sentimento, procurando tam só a gloria celeste que vem de Deus, diremos com David: «Benedicto seja o nome do Senhor... não a nós, não a nós, mas a vosso nome dai gloria.» (1)

Esperamos de Nossos filhos, que vemos animados de tam grande affecto para conosco, menos gratulações e louvores, que acções de graças, preces e votos, elevados a Deus summamente bom, e seremos plenamente felizes, se

Nos obtiverem, enquanto nos restem forças e vida e haja em Nós auctoridade e graça, o maior bem para a Egreja, sobretudo pelo regresso e reconciliação d'esses transviados, por quem ha muito tempo anda chamando a Nossa voz.

Derrame a festa proxima, que com permissão de Deus nos será de alegria, sobre Nossos filhos muito amados as graças da justiça, da paz, da sanctificação e de todos os outros bens: é o que pedimos a Deus com o Nosso amor paternal e nos expressamos com as divinas palavras:

«Ouvi-nos vós, que sois uma estirpe divina, e fructificai, como um rosal plantado sobre a corrente das aguas. Diffundi um cheiro de suavidade como o Libano. Dai viçosas flores como o lirio, e rescendei fragrante cheiro, e vesti-vos de engraçados ramos, e entoai canticos de louvor, e bendizei ao Senhor nas suas obras. Exaltai o seu Nome com magnificos elogios, e glorificai-o com a voz de vossos labios, canticos da vossa bocca e harmonia de vossas harpas. E agora, de todo o coração e com a bocca, louvai todos junctos e bendizei o Nome do Senhor. (1)

Se estas resoluções e estes votos encontram a opposição dos máus que blasphemam do que ignoram, digne-se Deus perdoar-lhes; pela intercessão da Rainha do Sanctissimo Rosario nos seja Deus propicio! E como feliz auspicio e em penhor de Nossa benevolencia, recebei. Veneráveis Irmãos, a benção apostolica que Nós vos concedemos affectuosamente no Senhor, a cada um de vós, ao vosso clero e ao vosso povo.

Dado em S. Pedro, de Roma, aos 8 de setembro de 1892, decimo quinto anno de Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.



Portuguezes, união!

PERSSOA auctorisada em Roma, que nos honra com a sua amizade, enviou-nos o seguinte artigo, que fielmente traduzido offerecemos á consideração de todos os catholicos militantes do nosso paiz:

Quando ultimamente os bons portuguezes se determinaram a tomar parte na vida politica, parecia-nos que todos concorriam pacificos e unanimes a trabalhar em prol da Egreja e da patria. Mas vamos vendo que já, em virtude dos diversos modos de pensar politicos, se comecam a dividir aggreindo se uns a outros.

(1) *Ex. sacr. liturg.*

(1) *Ps. CXII, 2; CXIII, 1.*

(1) *Ecol. XXXIX, 17, 20, 41.*

Ha uns chamados miguelistas que parece procurarem primeiro que tudo obter o seu ideal, mas affirmam que tratando-se do bem da Igreja e da nação, promptos estão elles a unir-se com os outros catholicos, se é que os ha, pois crêem com boa fé que só elles no reino são catholicos, como se fosse necessario para um ser bom catholico seguir a bandeira de D. Miguel.

Outros ha affeioados á ordem actual das instituições, os quaes se contentaram com declarar-se fieis ao Papa e á dynastia reinante, não querem outra bandeira que a existente no paiz e se queixam dos miguelistas como de scismaticos.

Dizem que as declarações feitas pelo Summo Pontífice na carta aos catholicos de França são tambem extensivas a Portugal e que se deve adherir a esse programma com simplicidade, renunciando a qualquer outro ideal, e sem fazer politica, mas procurando unicamente *regnum Dei et justitiam ejus*, «o reino de Deus e a sua justiça».

No entretanto vão-se os animos azeitando, quebra-se o vinculo da caridade, e em vez de se proclamar a união, ateia-se o facho da discordia. Vindo assim estas dissensões ajuntar-se aos males que assoberbam essa nação, prepara-se um tristissimo futuro para Portugal.

Isto parece lá bonito? Isto será útil? — Não, por certo.

O verdadeiro modo de pensar ácerca d'estes assumptos qual é? Agora o diremos. Para os que o desejam saber é que escrevemos este artigo.

Diremos portanto:

1.º Não se conseguirá nada, se não se chega a um accordo de *união sómente no que é necessario*, deixando liberdade a cada qual de pensar a seu modo em todos os outros pontos.

2.º E' necessario que os catholicos de qualquer bandeira declarem que em todas as coisas respeitantes ao bem da Igreja e da patria se unirão com todos aquelles que trabalham por esse bem á luz da doutrina orthodoxa ensinada pelo Summo Pontífice e dos principios da moral, *collocando esta maxima em frente e acima de qualquer outro ideal*, pois de outra maneira não seriam bons catholicos.

3.º Importa que os homens de qualquer partido reputem por verdadeiros catholicos todos os que seguem unicamente as regras traçadas pelo SS. Padre Leão XIII nas Encyclicas geraes ácerca da Sociedade civil e do governo politico dos povos.

4.º Cumpre que todos confessem que, se o Papa fizesse para Portugal declarações identicas ás que fez para os catholicos de França, elles lhe obedeceriam como devotos filhos da Santa

Sé; embora de facto seja verdade que até hoje Sua Santidade não fez tal declaração aos portuguezes.

5.º E' mister admittirem todos que o Summo Pontífice pelo direito incontestavel que tem de dirigir a grei catholica nos supremos momentos sociaes, pôde em determinadas circumstancias ordenar aos fieis que, *pondo de parte qualquer outro ideal*, todos se applicuem a procurar exclusivamente, ainda no temporal, os interesses de Jesus Christo, «o reino de Deus e a sua justiça».

6.º Essas declarações que foram escriptas para os catholicos francezes e que poderiam em dados casos tornarse extensivas a outras nações, pertençam n'um sentido á ordem politica, e n'outro sentido não.—A politica é a sciencia de governar os Estados em ordem ao fim pela Providencia estatuido segundo a natureza dos mesmos;— e é tambem a arte de reduzir a effeito essa sciencia nas circumstancias praticas de cada Estado. Como sciencia, procede por principios; como arte, procede por preceitos. Tendo como sciencia principios que se encaminham a dirigir os homens como taes, claro está que esses principios são necessariamente de ordem moral: são em summa a ordem moral applicada ás nações no seu interno regimento. Ora o chefe reconhecido de todos os catholicos, o mestre, o interprete dos principios da ordem moral é o Pontífice Romano. Logo ao Pontífice assiste n'este sentido o pleno direito de dar aos fieis os ensinamentos superiores de ordem politica. E' elle o julgador supremo que declara quaes principios e quando devem ser adoptados pelos catholicos na politica.

Depois, a applicação dos principios da sciencia politica ao governo do Estado, e a arte da politica e os seus preceitos em quanto constituem a administração effectiva dos povos, isso é proprio dos soberanos e dos representantes das nações; n'isso não se intromette o Papa. E quando em casos particulares se trata de justiça e de peccado, ainda então elle entra só na questão indirectamente, como só indirectamente entra um confessor na direcção da familia, reprovando o mau governo que o seu confessado, pae de familia, diz seguir na propria casa.

Segundo esta ordem de idéas os catholicos que entram na vida publica, *fazem moral*, quando introduzem na sociedade as maximas christãs, e então *não fazem politica*. Mas quando se pronunciam como representantes da nação nas coisas publicas; ou como governantes, então sim fazem politica, ou justamente ou injustamente, consoante os seus actos são honestos ou não.

Admittidas estas maximas communs e todas indiscutíveis, cada grupo de catholicos pôde marchar franca e livremente pelo seu caminho, deixando em paz os outros catholicos seus irmãos.

(Do Comm. do Minho).

SECÇÃO CRITICA

Clero

TIVEMOS noticia, se bem que não circumstanciada, de uma reunião do Clero bracharense, no intuito da sustentação e progressivo andamento dos interesses catholicos; intuito alheio a *interesses partidarios* de qualquer denominação.

Bem hajam taes promotores e seus adherentes!

A Missão do Clero é a honra e gloria de Deus, e a salvação das almas! E para que estas sejam attrahidas é mister que o *Padre* seja tido como Pai Espiritual de todos, e não como *partidario* de uns ou de outros.

O Clero é o primeiro elemento constituido por Nosso Senhor Jesu-Christo para que entre os homens haja verdadeira paz; logo ao Clero repugna tudo que possa semear sisania entre a humanidade, conservando-se o Padre dentro da missão que lhe foi dada divinamente. Alto lá! que no que acabamos de dizer não buscamos ensinar quem aliás nos ensina.

As circumstancias actuaes de Portugal têm muito de especiaes, e sem que entremos na apreciação completa de taes circumstancias diremos, que no estado presente das cousas n'esta nação, o Clero, por sua missão absoluta e relativa, é por excellencia e por *hypothese* o elemento salvador de este paiz, que está faminto de verdade e de justiça; e bem provada está nessa asserção pela guerra feita ao Clero, ás claras ou ás insidias, por todos que vivem da desordem, da confusão, da injustiça, embora se acobertem debaixo de epithetos enganadores, e de phrases de convenção.

O Clero tem consigo a parte sã d'esta nação; os *indifferentistas*, vendo o Clero em obra de paz e ardente caridade, romperão sua *indifferença*; e nos inimigos dos interesses catholicos não deixará de haver *conversões*.

Afastado tudo que hoje é dito *politica*, não sahindo dos ensinamentos do Papa e agora—agora pela Bocca do Summo-Pontífice Leão XIII, só não aceitarão a benefica attitude do Clero os inimigos da Religião, e os inimigos da Patria, se bem que d'esta se digam amigos.

O Clero não busca dominar no *Temporal*, busca sim que reine nas consciencias a *Espiritual*, como é seu dever buscar pela missão que Deus lhe deu; e como é proprio de uma sociedade composta de entes humanos e não de *energumenos*; por certo foi este o sentir na mencionada reunião do Clero bracharense, que n'aquella iniciativa demonstrou que *ha mais Clero em Portugal do que alguns dizem*. Louvores a Deus!

Que a Santa Perseverança faça seguir de outros *similes* aquelle grande passo, que o paiz deve agradecer. Seja *elle* tomado como uma aurora de um dia creador e reparador, quando a ruina lavra de triste feição e ameaçadora de um epitaphio: *Ilic Lusitania fuit!*

E' pelo *Espiritual* que desaparecerá o *deficit* de consciencia, o *deficit* de juizo, *estes dous* que produziram o *deficit* financeiro!

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«*Os Mystérios da Franc-Maçonaria*». —Recebemos o fasciculo n.º 13 d'esta excellente obra de Leo Taxil, traducção do snr. dr. Antonio Correia de Menezes, e editada pelo snr. Antonio Dourado, do Porto.

Está prestes a concluir-se a publicação do 1.º volume, e cada vez se lêem com mais interesse as revelações que da condemnada seita nos faz o seu antigo adepto e hoje converso ao catholicismo.

Desejavamos que lêssem esta obra todos os que andam iludidos a respeito dos fins e obras da maçonaria, que é a mais terrivel praga que assola as nações christãs.

Recommendamol-a com empenho aos nossos leitores.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Fenelon

(Vid. p. 205)

A gravura da p. 205 reproduz um vulto distincto, honra da França, cujo nome a Igreja conservará perennemente ao lado do de Ambrosio, Athanasio, Carlos Barromeu e Bartholomeu dos Martyres. Na galeria do episcopado salientar-se-á em todos os tempos quem, por suas virtudes e singular talento,

soubes dar-lhe um lustre, que permanece indelevel, sem embargo do volver dos seculos.

O nome de Fenelon não morre. Nasceu o distincto prelado no castello de Fenelon (Dordogne) em 1651, e ascendeu ao prebyterato em 1675. N'aquelle tempo o calvinismo difundia-se por toda a França com fatal prejuizo para as almas, e bem depressa o fervoroso sacerdote foi utilizado em prol da religião catholica por uma nomeação regia, que o constituiu superior da missão nas costas de Saintonge, no paiz de Aunis, onde Fenelon, energico para vencer e affavel para atrahir, chamou á casa paterna muitos prodigos, desvairados pelos erros da epocha. Eram por milhares as notaveis conversões produzidas pelo juvenil sacerdote n'aquella região onde o mal estendera longas e vigorosas raizes. Director d'uma comunidade de damas convertidas, escreveu para as fortalecer na fé o *Tractado da educação das donzelas*, em que manifestou o seu talento de escriptor, em breve confirmado na *Refutação do systema de Malebranche sobre a natureza e a graça*, elaborado a instancias de Bossuet.

Em 1689 nomeou o Luiz XIV preceptor de seu neto, o duque de Borgonha.

«Terrivel, como disse St-Simon, duro e colerico, deixando-se ir aos maiores arrebatamentos, impetuosamente furioso, d'uma teimosia inexcedivel, apaixonado por todos os prazeres, d'uma ferocidade e uma crueza que apavoravam», aquella féra real, sob a direcção do sabio ecclesiastico, tornou-se um perfeito exemplar de virtude, mansidão e piedade. As *Fabulas* em prosa, os *dialogos dos mortos* e o *Telemaco*, (1) aparte exhortações continuas, fundamentadas na fé e na razão, transformaram por completo a indole do joven principe.

Em 1693 Fenelon foi nomeado membro da academia e em 1695 arcebispo de Cambraia. Luiz XIV, conhecedor do *Telemaco*, vendo n'aquella epopeia uma sátira ao seu reinado, desterrou o sancto prelado para a sua diocese, prohibindo-lhe toda a correspondencia com o duque de Borgonha. O retiro de Fenelon foi uma benção do céu para os diocesanos, que viram, no meio d'elles, um pae cheio de zelo e solicitude, consagrando todos os momentos ao bem-estar de seus filhos espirituaes. Fenelon costumava dizer: «Ámo a humanidade mais que a minha patria, a minha patria mais que a minha familia, a minha familia mais que a mim mesmo».

(1) Publicado contra a vontade de Fenelon por um creado infiel.

E este sentir normalisava o seu procedimento.

O auctor do *Telemaco* devera de ser poeta, e uma poesia d'elle: *La sagesse humaine*, é outro indicador da suavidade d'aquelle bellissimo character. Ora vêde uma amostra:

Soyez officieux, complaisant, doux, affable,
Et pour tous les humains d'un abord favorable
Sans être familier, ayez un air aisé,
Ne décidez de rien, sans l'avoir bien pesé.

Aimez sans intérêt, pardonnez sans faiblesse.
Choisissez vos amis avec délicatesse;
Cultivez avec soin l'amitié de chacun
A' l'égard des procès, n'en intentez aucun.

Como corôa do que levamos dicto, consignemos o factô que fez d'esta grande prelado um verdadeiro heroe. No seculo XVII vogavam em França umas idéas perigosas, derivadas da doutrina de Molinos. Os padres Malaval e Lacombe tinham d'ellas feito propaganda e a senhora Guyon escrevera as *Torrentes espirituaes*, eivadas de identico mal. Deus, para na humildade realçar o seu servo, permittiu que incidisse tambem no celebre livro—*As Maximas dos Sanctos*. Bossuet, incumbido de examinar o livro, tractou sem dô o seu collega, que enviou o livro a Roma para ser examinado. O Papa Innocencio XII nomeara desde logo uma comissão, composta de dez sabios theologos, cujas opiniões se não harmonisavam, passados oito mezes de trabalhos. A esta comissão succedeu uma congregação de cardeaes que celebraram vinte e uma conferencias, sem emittir uma decisão definitiva. *As Maximas dos Sanctos* eram o enleio de todas aquellas summidades scientificas. Teve pois S. Sanctidade que pôr em acção quanto havia de mais selecto no sacro collegio, que após cincoenta e duas sessões decidiu quaes as proposições incursas em censura. O Pontifice condemnou então as *Maximas dos Sanctos*.

Foi a crucifixão do paciente prelado. Tudo se levantou contra elle: deixaram-no amigos; cuspiram-no inimigos.

A 25 de março, Anunciação da Virgem, prestes a subir ao pulpito, recebeu a noticia da condemnação da sua obra. O talentoso escriptor recolheu-se um pouco a pensar na grandeza da fragilidade humana e, n'aquella hora em que Satanaz mais o apertava para o abysmar, ergueu-se com a humildade e fortaleza heroica dos grandes sanctos, subiu sereno e imperturbavel os degraus do pulpito, e d'aquella cadeira sagrada, onde sempre se dicta a verdade, annunciou a condemnação do livro, «simplesmente, absolutamente, sem nenhuma sombra de restricção.»

Este admiravel proceder revelou em plena luz a magnanimidade insigne da alma de Fenelon, perfeitamente compre-

hendida pelo auditorio, que rompeu n'um diluvio de pranto, e pelo Summo Pontífice, que affirmou ter o grande bispo *peccado por um excesso de amor de Deus*.

A tempestade de injustas coleras, formada contra este modelo de dignidade, acalmou desfeita pelo ardor de suas virtudes. Não deixaram porém as amarguras de ciliciar seu ulcerado coração: a invasão da patria pelo estrangeiro e o fallecimento do duque de Borgonha, seu dilecto discipulo, foram os derraideiros golpes vibrados á alma sensível de Fenelon.

Falleceu em 7 de janeiro de 1715.

Além das obras citadas, ha d'elle uma apreciabilissima *Collecção de Cartas*, a *Carta sobre as occupações da Acaademia franceza*, o *Tractado da existencia de Deus*, o *Ministerio dos pastores*, *Aventuras de Aristonous*, *Sermões*, *Historia d'Alibée*, *Dialogos sobre a eloquencia*, e *Direcções para a consciencia d'um rei*.

«Nas suas obras, diz Villemain, encontra-se a clareza, a opulencia de imaginação, a força do raciocínio, essa doce e persuasiva unção que rescende de todas as suas palavras». «O que mais impressiona nos escriptos de Fenelon, afirma Godefroy, são essas vivas e graciosas imagens, que parecem a sua lingua natural. Tracta a lingua com extrema facilidade e nas suas melhores paginas brilha a força a par da delicadeza, a solidez combinada com a graça, o sentimento unido á imaginação».

Cingirá sempre o futuro d'uma aureola de gloria, como a litterato e como a antistite, este personagem distincto, com logar honroso e indiscutível entre os mais insignes benemeritos da humanidade.

M. S.

Cathedral d'Antuerpia

(Vid. p. 211)

A segunda cidade da Belgica, nas margens do Escalda, o principal porto d'aquelle reino e um dos mais importantes do mundo, com 200:000 habitantes, se revela justificado orgulho pelo seu largo commercio, (1) pela marinha que de presente se desinvolve com as colonias do Congo, pelos trabalhos de ourivesaria e primorosas rendas, pela sua academia real de archeologia e eschola de bellas-artes cursada

por 1:600 alumnos, não menos se distingue pela sua formosissima cathedral, representada na gravura, gloriosamente enumerada entre os mais soberbos monumentos da arte christã.

Com a extensão de 117 metros e uma largura de 65, é surpreendente o aspecto que offerece ao observador que pela primeira vez transpõe o limiar d'aquelle magestoso templo, formado por 230 arcadas que se firmam em 125 columnas a dividirem sete elegantissimas naves. Os 32 altares lateraes, de marmore de Italia, são d'uma maravilhosa correccão de desenho. O coro, na sua parte mais antiga, é de felizes proporções e d'uma nobre amplitude de estylo. O frontispicio, fielmente reproduzido em nossa gravura, deslumbra pelo esplendor e magestade. É flanqueado por duas torres, uma só concluida, com 160 metros de altura, formada de galerias sobrepostas, diminuindo de largura em proporção ascendente. a cuja summidade se pode subir por 622 degraus. Foi começada em 1422 por Appelmans e terminada em 1518 por Dominico de Waghemakere. Encerra 82 sinos, 12 dos quaes servem para o serviço do culto e 70 para o famoso carrilhão.

Devastada pelos protestantes iconoclastas em 1566, vendida, despojada e ameaçada de destruição total em 1798, quando os francezes lhe roubaram cem grandes tocheiros d'oiro e o tribulo de pedraria offerecido por Francisco I, a cathedral de Antuerpia é, de 1802, objecto d'uma restauração lenta, mas continua, onde se dispenderam já alguns milhões de francos. Possui muitos primores da arte moderna, que todavia se offuscam ao lado dos preciosissimos quadros de Rubens, o *Dessejamento da Cruz*, tanta vez reproduzido pela gravura e oleographia, a *Elevação da Cruz*, a *Assumpção* e a *Resurreição*. Demais, são merecedoras de notar-se telas bem conservadas de Van Balen, Van Dyck, Franck, Murillo Sassoferato, Otto Venius, Corneille e Martin de Vos.

O celebre monumento pode pois honrar dignamente com ás maravilhas gothicas da epocha, com as cathedraes de Colonia, Chartres, Salisbury, York, Amiens, Beauvais, Westminster, Toledo e Burgos, esses assombrosos productos da vigorosa fé da idade media, iniciados e concluidos por uma cidade só, um só capitulo, ao passo que os mais poderosos reinos da actualidade eram, diz Bourassé, impotentes para concluir uma d'essas obras que ficasse incompleta.

R.

Groelandia

(Vid. p. 217)

Este paiz inhospito, sepultado nos gelos do polo arctico, pertence á America septentrional, estendendo-se entre 59° 38' e 82° de latitude e 20° 80" de longitude. Por muito tempo foi considerado como uma parte do continente, mas está d'elle separado pelo estreito de Davis, o mar de Baffin, os estreitos de Smith e de Kennedy, a bahia de Hall e o estreito de Robeson. D'este largo territorio, de dois milhões de kilometros quadrados, apenas as costas são hoje conhecidas, sendo habitadas somente as occidentaes. Dura aqui o inverno desde outubro a junho, com uma temperatura media de 40° abaixo de zero!

N'este longo periodo, em que o rol escassamente se mostra, são allumiadas estas regiões pelos clarões da lua e pelas auroras boreaes. O estio succede repentinamente ao inverno, sendo ora frio e chuvoso, ora quente e secco: em 1867, em Jakobstown, o thermometro chegou a marcar 18°4. No breve lapso do estio, o calor liberta da oppressão das neves uma parte do terreno, e promove a vegetação de rachiticos salgueiros, amieiros e betulas. Na costa do sul cultivam os europeus a couve, a batata, o rabano, o aipo, a cenoura, a aveia, e criam vaccas e ovelhas. São em abundancia os ursos brancos, as lebres brancas, as reunas (hoje rareadas pela caça), grandes aguias, perdizes brancas e cães de grande corpo, empregados no tiro de trenós. O rodovalho, a raia, o arenque, o bacalhau, o narval e a phoca, fornecem aos indigenas alimento, vestuario e luz. A baleia tem rareado muito.

A'cerca dos esquimaus, seus principaes habitantes, deixamos algumas noções na pag. 10 d'este volume.

N'este seculo foi a Groelandia visitada, em 1821, por Scoresby; em 1829-1831, por Graah; em 1852, pelo explorador Rink; em 1854, por Kane e Marton; em 1858, pelo principe Napoleão; em 1875-1876, por Mares.

O observatorio do cabo Bismark, estabelecido em 1884, foi um notavel progresso para estas plagas tam desprovidas das modernas vantagens das artes e das sciencias.

R.

Luthero

(Vid. a gravura da p. 223)

Era nos principios do seculo XVI, e as heresias quasi que tinham desaparecido do seio da Igreja; se havia aqui e acolá, em diversos logares, alguns dissidentes, como effectivamente sem-

(1) Em 1880 exportou generos na importancia de 445 milhões de contos e importou-os no valor de 512 milhões de contos, o que representa um movimento igual a quasi metade de toda a Belgica!

pre houve, era cousa de pouca importancia: heresia propriamente dita não apparecia então na Europa.

Pôde affirmar-se que o mundo estava tranquillo; todos os christãos viviam na communhão e sob a obediencia da Igreja romana que tem por chefe visivel o successor de S. Pedro. Leão X occupava com gloria o throno apostolico.

Este Pontifice possuia eminentes qualidades com que illustrava o summo pontificado: conhecia as sciencias e as bellas letras; amava e favorecia o merito; tinha humanidade, bondade, uma extrema liberalidade, tanta affabilidade, que nas suas maneiras se via alguma cousa de divino.

Infelizmente n'essa epocha, por varias circumstancias, achava-se esgotado o thesouro pontificio.

Entretanto o magnanimo Leão X formou o projecto grandioso de acabar a magestosa igreja de S. Pedro em Roma, e para esse fim concedeu indulgencias aquelles que contribuissem para as despesas d'este edificio que devia honrar a capital do Catholicismo.

A Bulla de indulgencias foi expedida, e Leão X deu uma parte do rendimento das esmolas a differentes pessoas, assignando-lhes a renda de qualquer provincia.

Na Saxonia e em parte da Allemanha foi confiada a prédica das indulgencias a alguns religiosos da Ordem dos Prégadores.

Appareceu então na Saxonia um homem extraordinario, digamos assim; chamava-se Martim Lutero, que é o que representa a gravura do numero precedente.

Effectivamente Lutero era um homem extraordinario: era um d'estes homens ardentes e impetuosos, que, penetrados d'uma ideia, entregam-se á sua consecução d'alma e corpo, nada mais examinam, e tornam-se d'algum modo incapazes de escutar a sabedoria e a razão.

Uma imaginação forte, alimentada pelo estudo, o tornava por natureza eloquente e lhe assegurava os suffragios dos que o ouviam declamar.

Conhecendo a superioridade do seu talento e o successo dos seus discursos, Lutero encheu-se de soberba, e cada vez se tornou mais audacioso e empreendedor.

As advertencias, as objecções que lhe faziam, quando ás vezes se desviava do recto caminho nas suas doutrinas, não o faziam entrar em si mesmo, não o corrigiam: antes, pelo contrario, o irritavam mais: era uma furia.

Um homem de semelhante caracter devia necessariamente ser um heresiarcha, e dos mais temiveis na Igreja de Deus; e tal foi Martim Lutero.

Tinha elle nascido em Eisleben, cida-

de de Saxonia, nos fins do seculo XV. Seu pae era mineiro.

Um dia foi fulminado d'um raio um seu companheiro d'estudo. Emocionado por este triste acontecimento, Lutero resolveu abandonar o mundo e entrou na Ordem dos eremitas de Santo Agostinho. Estudou depois theologia na universidade de Wittemberg, tomou o grau de doutor, foi feito professor, e tornou-se celebre no ensino. Mas já então se notava n'elle uma inclinação profunda para as novidades.

O monge saxonio começou a levantar-se furioso contra os cobradores e os prégadores das indulgencias concedidas por Leão X.

Alguns auctores dizem que os dominicos, prégadores das indulgencias, abusavam do seu ministerio, exaggerando até a efficacia d'estas graças: e que Lutero não fez mais que condemnar os abusos e excessos dos prégadores, ainda que depois sustentou a esse respeito muitos erros que foram condemnados.

Ponhamos, porem, as cousas no seu lugar, e digamos a verdade claramente. Ora a verdade é o seguinte:

Lutero, que tinha adoptado os erros de João Huss, concebia um odio violento contra as praticas da Igreja romana, e sobre tudo contra os theologos escolasticos.

Desde o anno de 1516 (note-se esta data) elle sustentou theses publicas, nas quaes se descobre o germen dos erros que em seguida sustentou abertamente contra a doutrina da Igreja Catholica.

Em consequencia d'isto é falso que Lutero começasse a dogmatisar por occasião das disputas entre os dominicos e os agostinhos, no negocio das indulgencias concedidas por Leão X. Porquanto estas indulgencias só se concederam no anno seguinte, 1517.

Auctores gravissimos, entre os quaes Lanfant, teem demonstrado que muito tempo antes Lutero combateu certos pontos dogmaticos da Igreja.

Suppondo, porem, que houvesse algum abuso da parte dos questores das esmolas que se davam para as indulgencias, o que não é claramente demonstrado, é certo que Lutero se excedeu na sua censura e começou a clamar desabridamente contra a Igreja, contra o Papa e contra varios artigos da fé catholica.

Em 1418 já o lutheranismo era um incendio. Lutero apresentou-se logo com toda a sua má fé. Vendo-se condemnado por Leão X, appellou do *Papal informado para o Papa melhor informado*, e depois do Papa para um concilio geral; e afinal não esteve nem pela decisão do Papa nem do Concilio.

Contra este malvado, porque não era outra cousa, escreveram muitos ho-

mens sabios d'aquelle tempo. Lutero, que era d'um caracter violento, enfureceu-se e ultrapassou os limites da moderação, da caridade e da decencia: cobriu de injurias o Papa, os cardeaes, os Bispos, os reis, toda a Igreja catholica.

Lutero, o chefe do protestantismo, nunca teve principios: defendeu o *pro* e o *contra* sobre todas as questões de theologia, e até aos seus mesmos sectarios ameaçou de se retractar, se elles continuassem a contrariar-o. E' o caracter proprio d'um apostolo da mentira.

Concluiremos este artigo sobre Lutero, pois não é nosso intento traçar aqui a biographia completa d'este malvado heresiarcha. Falleceu a 18 de fevereiro de 1546.

Monge apostata e corruptor d'uma freira tambem apostata, amigo da mesa e da taverna, homem grosseiro e bobo, impio e charlatão, Lutero não poupou nem Papa nem rei algum. Especie de energumeno contra todos os que ousavam contradizel-o, dava-se ares de evangelista d'uma nova lei. Enfurecia-se contra todos os que pediam milagres em prova da sua estranha missão; e elle appellava para as armas, para a revolta, a crueldade, o sacrilegio e a pilhagem. E' o mesmo systema do Alcarão de Mafoma.

Lutero gavava-se de lutar e de comer com o diabol...

A gravura representa o desgraçado heresiarcha queimando, na praça publica de Wittemberg, a bulla condemnatoria de quarenta e uma proposições extrahidas de seus escriptos bem como as decretaes que o Pontifice lhe expedira.

P.* João Vieira Neves Castro da Cruz.

Cathedral de Auxerre

(Vid. p. 229)

E' um dos mais famosos monumentos do estylo gothico, apesar de incompleto e dos estragos que lhe causou a damnada furia dos calvinistas, n'essa epocha de tristes recordações para a historia da Igreja.

Foi começado em 1215 e terminado sómente no seculo XVI, ficando apenas com uma torre, quando eram duas as do plano architectonico. O côro, construido pelo bispo Guilherme Seignelay sobre uma ampla crypta romana, apresenta disposições de subida elegancia e originalidade. E' a cathedral rica de primorosos objectos d'arte, e notavel pelos sarcophagos de mui distinctos personagens alli sepultados no seculo XVII e no XVIII.

Nos vidros das ogivas ha uma inapreciavel colleção de pinturas, collocadas segundo o andamento da obra, desde o seculo XIII ao XVI. O antigo paço episcopal, transformado hoje em palacio da perfeitura, conserva ainda hoje uma galeria do seculo XII, unica do seu genero, com bellas paredes atravessadas por janellas ogivaeas.

Auxerre, outr'ora uma das mais admiradas cidades da Borgonha, reduzida hoje a uma população de 16:000 habitantes, cairia em esquecimento, se não tivesse a dar-lhe realce a grande cathedral, documento vivo do quanto n'aquellas regiões foi vigorosa a fé das gerações idas. Muito devem as artes ao impulso da Igreja!

R.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Festividade do Senhor dos Milagres

(Correspondencia de Leiria)

NUM local sito a 6 kilometros d'esta cidade levanta-se uma magestosa igreja séde de freguezia, onde annualmente se realisa com grande pompa e luzimento a festividade do Senhor dos Milagres.

Antes de passar a esboçar a descripção da festa, permittam-me, porém, os amaveis assignantes do «Progresso Catholico» que lhes dê uma succinta noticia da origem da referida Igreja, a qual transcrevemos *ipsis verbis* dos azulejos que adornam as paredes lateraes da capella mór.

«Até ao anno de 1728, da era vulgar, em que Deus Nosso Senhor quiz mostrar n'este sitio a sua omnipotencia, era este lugar um deserto, cujos matos davam pastagem aos gados do povo d'esta ribeira visinha, sempre denominada as Quintas da Ribeira de Godim, que n'este tempo pertencia á freguezia de S. Sebastião de Rigueira de Pontes, d'este bispado de Leiria; d'onde enlão era bispo o ex.^{mo} snr. D. Alvaro de Abranches, e lhe succedeu o ex.^{mo} snr. D. João de Nossa Senhora da Porta, depois arcebispo d'Evora Cidade, cardeal da Cunha, regedor das justicas e inquisidor geral, que foi o mesmo que fez este templo freguezia, depois de passados alguns annos de sua erecção.

«N'este mesmo anno que era o de 1728, vivia na falda d'este monte, na frente d'este mesmo templo, um homem cha-

mado Manuel Francisco Maio; que era léso da cintura para baixo, que apenas se podia mover em cima d'uma cortiça ajudado só das mãos, e assim passava a vida, mendigando. Um dia, dia d'este mesmo anno, sahio este homem para a sua costumada tarefa, de pedir esmola, e veio arrastando-se, por entre os matos, até ao lugar em que agora se acha collocada a capella mór, e aqui a cortiça se lhe despedaçou e ficou inhabil para d'aqui poder passar. N'este mesmo tempo soavam por toda a parte os continuos milagres que experimentava quem com fé se valia da protecção do Senhor Jesus d'Aveiro. Este afflicto homem cheio da mais viva fé, dando sentidissimos ais, gritou pelo Senhor Jesus d'Aveiro, que o melhorasse, e lhe prometteu que lhe iria levar um painel se o Senhor fosse servido que lhe podesse caminhar. N'este mesmo tempo (caso maravilhoso!) ficou em um profundo sono, e passados alguns minutos acordou são e sem sombra de molestia; e logo, dando louvores a Deus por tão assignalada mercê, se encaminhou para sua casa, deixando n'este mesmo lugar os fragmentos, que por descuido se não conservam para memoria.

«Admiravam todos os seus visinhos tão grande prodigio, de verem são e livre de molestia aquelle que ha poucos minutos tinham visto sahir arrastando-se. E logo no dia seguinte foi elle, dicto Manuel Francisco Maio, ao lugar de Bábres, d'esta mesma freguezia, onde assistia um pintor, chamado José de Abreu, e lhe levou uma tabua, em que o dicto pintor lhe fez a imagem do Senhor Jesus, a qual elle, com muito contentamento, trouxe para sua casa. E como era muito pobre, no espaço de dous annos nunca se faz a caminho para ir levar o painel ao Senhor Jesus d'Aveiro, como tinha promettido. Confessou a sua falta, e o seu confessor lhe determinou o collocasse no mesmo lugar onde tinha recebido o prodigio; o que elle logo fez no mez de maio de 1730. Collocou n'este mesmo lugar o dicto painel, em uma cruz tosca. De pois de estar assim arvorada a cruz, com o painel, observou-se que os gados que actualmente vinham pastar a estas charuecas visinhas, fugiam, obrigados da mosca, e vinham junctar-se ao pé da cruz. Ali paravam e se deitavam, virados para o Senhor, formando um circulo, em torno da cruz. Causou isto tanta admiração a estes povos visinhos, que todos, em ranchos, vinham visitar o Senhor, a quem n'este tempo chamavam o Senhor do Maio; e como o Senhor foi servido logo fazer innumeraveis mercês a quem o invocava com viva fé, todos exclamavam: Senhor dos Milagres! e os mesmos que receberam os prodigios, lhe pozeram este soberano titu-

lo. E em pouco tempo foram tão copiosas as esmolas de diuheiro, trigo, milho, cera, azeite, novilhos e outros generos, que logo se deu principio a este famoso templo, para cuja erecção chamaram o mestre Jose da Silva, do lugar do Juncal, que foi o que construiu esta obra mais o mestre Joaquim da Silva, seu filho, até ao estado presente.

«Era assombro ver-se n'aquelles tempos a multidão de enfermos que, de muitas partes, vinham a este sitio, a implorar a misericordia do Senhor: deitando os aleijados aqui ficar as moletas, e outros offerecendo lhe muitos quadros, em que ternamente confessavam os favores recebidos.

«E logo que se começaram estas obras, entrou a trabalhar n'ellas, como trabalhador, o dicto Manoel Francisco Maio. Estando a obra já na altura da cimalha real, cahiu uma pedra, de carrada, e o levou comsigo ao chão, onde todos o esperavam morto; este se levantou são e foi continuando no mesmo trabalho. Passados alguns annos, andava elle em cima d'uma escada armando de cortinados o Apostolado que está por cima da dicta cimalha, e cabindo a escada, elle ficou em cima da cimalha, sem o menor perigo. Viveu este celebre homem sempre pobre; morreu decrepito; e jaz aqui mesmo.

«E eu, Jose Rodrigues da Silva e Sousa, neto do dicto mestre Jose da Silva, fiz este azulejo e o mandei aqui collocar, na era de 1795, e escrevi fielmente esta historia, escripta pelo revd.^o padre Luiz Gomes, thesoureiro actual d'esta igreja, sendo bispo de Leiria o ex.^{mo} snr. D. Manoel d'Aguiar, inimitavel devoto e zeloso do culto de Deus, que para sempre vive e reina.»

Deduz-se, pois, do contextó que decorreram apenas 67 annos entre a epocha do primeiro milagre e a collocação dos azulejos, o que constitue, sem duvida, uma prova assás eloquente de que os milagres realizados foram verdadeiros e não ficticios, poisque durante aquelle espaço de tempo não era difficil conservar todas as particularidades dos factos occorridos, accrescendo ainda a circumstancia de ser o auctor dos azulejos neto do constructor da Igreja, e este ultimo, como facilmente se deprehende, ter sido testemunha ocular ou, pelo menos, auricular dos milagres.

Como porem, não é intento nosso provar a veracidade dos milagres que originaram o magnifico templo, que ora se ergue no centro de terreno inculto; mas sim descrever, ainda que imperfeitamente, a festividade que alli se realisou no dia 19 do corrente, vou enccetar o promettido esboço, pedindo vénia por tão longa digressão.

Amanheceu alegre e desanuviado o dia 19 de setembro fazendo espargir

a flux por sobre os animos dos romeiros leirienses o viril entusiasmo que na vespera estivera prestes a succumbir por motivo da chuva que continuamente nos fustigava.

Não obstante a tempestuosidade do tempo, ainda assim no dia 18 queimou-se um bonito fogo d'artificio no espaçoso arraial que circumda a Igreja dos Milagres e outro tanto succedeu no largo do Mindello d'esta cidade, a expensas dos promotores do cyrio que annualmente vae d'esta cidade assistir à festividade do Senhor dos Milagres.

Na qualidade de humilde filho d'esta veneranda cidade e humillimo servo do Senhor dos Milagres, tambem me impressionavam desagradavelmente as bâtegas de chuva, o ribombar do trovão e o fuzilar do relampago; foi por isso grande o meu regozijo quando despertei ao estrondo dos morteiros que annunciavam o raiar da aurora do dia 19. Apoz uma salva de 21 morteiros a phylarmonica *Sociedade Artistica Musical* percorreu as ruas d'esta cidade, afim de despertar os habitantes que fossem retardatarios ao apello dos morteiros.

Pelas 10 ¹/₄ horas da manhã organizou-se o cyrio d'esta cidade, levando à frente a phylarmonica já mencionada, 3 anjos com a respectiva bandeira e os festeiros com a bandeira do cyrio; o cyrio antes de partir percorreu as principaes ruas da cidade, e em algumas d'ellas os anjos recitaram *lôas* adequadas ao acto.

Seriam 12 horas do dia quando o referido cyrio deu entrada na povoação dos Milagres, sendo já precedido pelos cyrios de outras localidades.

A este tempo milhares de pessoas se agglomeravam no vasto arraial ao passo que o templo regorgitava tambem de fleis.

Seguiu-se depois a missa a grande instrumental, havendo sermão ao Evangelho e finda a missa saiu a procissão.

A procissão respirava muita gravidade e compostura e seguia pela seguinte forma: abria o prestito a *Sociedade Artistica Musical de Leiria* com os anjos e promotores do respectivo cyrio, depois caminhavam os outros cyrios, levando cada um à frente a respectiva banda de musica; em seguida aos cyrios avançavam tambem grande numero de peitentes, o que nos rememora os tempos aureos do Catholicismo, e apoz este grande numero d'homens envergando ôpas e empunhando vélas accesas em homenagem ao SS. Sacramento, que era levado sob o pallio pelo R.^{mo} Reitor dos Milagres acolytado pelos R.^{mos} Parochos da Caranguejeira e Córtes; por ultimo fechava o prestito a phylarmonica dos

Marrazes e uma compacta multidão de povo.

D'entre as offertas que figuravam na procissão distinguiram-se 10 riquissimos andores, que nos agradaram sobremaneira.

Ao recolher da procissão queimaram-se grande numero de morteiros, o que deu um novo realce à solemnidade do cortejo; e depois de recolher, seguiu-se o *Te-Deum* e encerração do SS. Sacramento, cantando-se o verso *Genitori*.

Finda a cerimonia religiosa, as bandas de musica dos Marrazes, Gandara dos Olivaes, Ortigoza e *Sociedade Artistica Musical de Leiria*, executaram, no atrio da igreja, varios trechos de musica. D'entre as phylarmonicas agradaram-n'os muito, pelo mimo e bom desempenho das peças, a *Sociedade Artistica Musical* e a dos Marrazes.

Já o sol ia escondendo os seus fulvos raios quando nos resignamos a partir em direcção a esta cidade.

O cyrio leiriense, de regresso, percorreu as ruas em marcha *aux flam beaux*, havendo, como à partida, a recitação de *lôas*.

Eis, pois, uma breve e succinta noticia da festividade do Senhor dos Milagres, à qual concorreram milhares de pessoas: uns estimulados pela devoção, outros pela curiosidade, outros pela diversão e ainda outros por interesse material.

Mas creio que todos retiraram edificados com o imponente espectáculo de centenaes de pessoas curvadas aos pés do Crucificado, e praza aos ceus que assim fôsse!

Leiria 22-9-92.

J. A. M. J.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal.—Do Centro Catholico, do Porto, recebemos a seguinte circular:

«O Centro Catholico do Porto que, como V. sabe, tem por fim lidar por conseguir a maior e mais directa participação dos catholicos d'espírito e d'acção nas camaras legislativas e corporações administrativas, e na direcção e gerencia d'associações publicas, institutos de beneficencia, ordens e confrarias, empregando como meios d'acção os que as constituições e leis do paiz lhe facultam no empenho commum d'informar as instituições publicas pelo espirito christão, resolveu propôr aos suffragios dos eleitores catholicos como candidato a deputado por accumulção nas proximas eleições, que se hão de

realisar a 23 d'outubro proximo, o ex.^{mo} snr.

José DE SALDANIA OLIVEIRA E SOUSA ex-deputado da nação portugueza, que, nas duas legislaturas em cujos trabalhos tomou parte na camara dos senhores deputados, defendeu sempre com entusiasmo e dedicação a causa da Religião e da patria.

«Não encareceremos, pois, as vantagens que ao paiz e à Igreja advirão se este distincto parlamentar, que é catholico de firmíssimas crenças e d'acção, fôr eleito deputado pelos suffragios dos catholicos, porque V. tão bem ou melhor do que nós, as conhece.

«Esperando, pois, que V. se dignará proteger a candidatura por accumulção d'este illustre cavalheiro, e pedindo lhe a especial finesa de participar ao Centro Catholico do Porto, o mais breve possivel, depois do apuramento eleitoral, qual o numero de votos que na sua assembleia ou no seu circulo obteve o candidato catholico, afim de se elaborar a estatistica da votação que em todo o paiz recaiu sobre elle, subcrevemo-nos com todo o respeito e consideração

De V.

Att.^o Ven.^o e Cr.^o Ob.^o

Presidente, General João Ferreira Sarmiento; vice-presidente, Dr. Conego José Corrêa Cardoso Monteiro; secretarios, Manuel Fructuoso da Fonseca, Antonio Luiz Falcão; thesoureiro, Dr. Manuel Carvalho d'Araujo Lima; vogaes, Dr. Padre Joaquim Luiz d'Assumpção, Torquato Alvares Ribeiro, Alberto Alvares Ribeiro, José Antunes Pinto d'Oliveira.

Porto e sala das sessões do conselho do Centro Catholico, 26 de setembro de 1892.

Já em nosso ultimo n.^o lembramos o digno deputado por quem briosamente pugna o Centro Catholico do Porto.

A par d'esse nome illustre recommendamos outro, o do

DR. CARLOS ZEFERINO PINTO COELHO.

Ha um anno, o «Progresso Catholico» reproduzia umas palavras, que o douto cardeal Place mandou incluir no catecismo de sua diocese, palavras para nós de muito valor nas circumstancias presentes. São as seguintes:

«—Como obteremos ser governados christamente?

—Obteremos ser governados christamente votando nas eleições por homens resolvidos a defender os interesses da religião e da sociedade.

—E' dever votar nas eleições?

—Sem duvida; é um dever votar nas eleições.

—E' peccado votar mal nas eleições?

—Sim, é peccado votar mal nas eleições.

—Que é votar mal nas eleições?

—E' votar por homens que não estejam resolvidos a DEFENDER OS INTERESSES DA RELIGIÃO E DA SOCIEDADE.

—Porque é peccado votar mal nas eleições?

—Porque se fica RESPONSÁVEL DO MAL COMMETTIDO POR AQUELLE EM QUEM SE VOTA.»

E n'aquella mesma occasião accrescentavamos nós:

«E' para nós um lucto enorme vermos que nem mesmo o clero tem ponderado a importancia do voto, o qual tem sido arma perigosissima, posta nas mãos de quem não soube ou não quiz saber maneja-la, dando em resultado ter servido apenas para ruina da patria como um revólver nas mãos da creança que dêsse estouvadamente a morte a sua mãe.

«Meditem os que ainda conservam uns restos de consciencia o meio de indemnizar os damnos de que teem sido causa.»

O dia 23 d'outubro proximo é um dia de maxima importancia para Portugal. E' a noite da quinta-feira no Horto das Oliveiras. Muitos portuguezes, como Judas, vão dar seu voto a quem nada se importa de Deus ou da patria. Outros porém, (e serão estes a grande maioria!) deixar-se-ão a dormir como uns discipulos aprisionados d'uma marmatica indolencia.

Com todo o fervor d'alma rogamos a Deus assim não seja, e esperamos que os nossos leitores nos acompanhem no orar pela patria, certos de que pela oração attrahiremos a compaixão de Deus e com ella a restauração da patria.

Hespanha.—O attentado contra o capitão-general da Andaluzia, ferido gravemente, na segunda feira—3, quando em seu proprio palacio dava audiencia a um desconhecido, que descarregou contra elle um tiro de revólver, alterrou sobremaneira os sevillanos e impressionou toda a Hespanha por supor-se que o criminoso é um agente do partido republicano, aneoso de mais uma vez lançar por terra a pouca firme monarchia.

Eleição do Superior geral da Companhia de Jesus.—Consolação de noticias infaustas, temos a eleição do Superior dos Jesuitas, realisada em Loyola (Hespanha) pelos representantes das vinte e duas provincias em que ao presente se acha dividida aquella Ordem (1). Conservava-se secreto o local da eleição, que veio, felizmente, a ser a mesma patria do sancto Fundador.

Um telegramma publicado no *Imparcial* diz o seguinte: Esta manhã (2 do

corrente) se verificou na casa de Loyola, em Azpeitia, a eleição do Geral da Companhia de Jesus. Foi proclamado Geral o hespanhol Padre Martin, designado seu successor pelo Padre Anderlidy, durante a interenidade após a sua morte. Todas as operações hão sido feitas com o maior segredo e ás dez horas da manhã, quando a eleição já tinha findado, ninguem sabia sequer que os deputados da Companhia estavam reunidos em Loyola. Depois de cantado o *Te Deum*, o Padre Urraburu foi à estação telegraphica expedir participação a S. Sanctidade.»

O Padre Martin conta 46 annos. E' um dos grandes theologos da actualidade. Profundissimo na lingua patria, fala com toda a correcção o italiano, o francez e o inglez, e é eximio no latim que escreve e fala com elegancia ciceroniana.

Ainda no vigor dos annos, com notabilissimo talento, indole moldada para as grandes empresas, muito espera a Igreja d'este notavel chefe que tem ás suas ordens essa distincta congregação, a quem em todo o tempo se tem dado justamente o nome de vanguarda da Igreja.

França.—A França vê-se perturbada pelas *grèves*, suscitadas continuamente pelos socialistas e anarchistas. A vida é de privações e provações, que se vencem com uma firme confiança em Deus e implorando continuamente seu paternal auxilio. A impiedade moderna, tam diffundida hoje, decuplicou as necessidades, ao passo que destruiu a fé e com a fé a oração. Como ha de pois o povo viver? E'-lhe por assim dizer impossivel. Ora as *grèves* são uma prova d'essa quasi impossibilidade de viver; é a hora de se colherem os fructos da má doutrina: *Carpent tua poma nepotes*. Os mineiros de Carmaux (Tarn) insurreccionados contra os patrões por chamarem aos tribunales alguns delinquentes, tem feito grave damno aos trabalhos d'aquella região e posto em activo movimento as influencias locaes. A companhia das minas tem feito todas as concessões possiveis para calmar a irritação dos operarios sem que todavia estes se resolvam a voltar ao trabalho, tam necessario para elles, e cuja suspensão produz graves prejuizos á industria e ao commercio. Por estas occorrencias o governo continua a sustentar boa quantidade de tropas em Carmaux, no intuito de impedir quaesquer conflictos que possam levantar-se.

Na asafama de opprimir a Igreja, não descança o governo de supprimir os pagamentos aos parochos. A mais leve denuncia ou simples pedido é quanto basta. No departamento de Fionisterra varias d'estas arbitrariedades

foram realisadas porque se disse ao ministro Ricard que a administração dos sacramentos foi negada a algumas pessoas durante as eleições!!!

Nos collegios catholicos vai equal razzia. O ministro da instrucção publica prohibe que haja mais de tres religiozos nas casas dirigidas por congregações não approvadas pelo estado.

Mais: o judeu tem voto em França. Ora, se um mahometano se fizer judeu, adquire *ipso facto* direito de votar, mas se se fizer catholico, nem obtem o direito de votar nem o direito de cidadão francez!

Os catholicos tem feito muito em França. Todavia estão ainda no começo de seus trabalhos.

Aprendamos nós com o que vai lá por fora. Eguaes principios dão eguaes conclusões; votemos em deputados verdadeiramente catholicos, sem nos importar com mais nada, e livraremos a patria do que padece a nação franceza.

Noticias

Seminario da Sanctissima Trindade em Guimarães.—O R.^{mo} Padre Bento José Rodrigues e seus collegas passam a residir na rua de Sancta Luzia (Guimarães), onde vão dar principio a um pequeno seminario de meninos, destinados ás missões no continente e ultramar, tendo adjuncta uma aula de instrucção primaria para alumnos externos. Quem quizer alguns esclarecimentos mais, queira intender se com o director, R.^{mo} Padre Bento José Rodrigues,—Santa Luzia—GUIMARÃES.

O Partido legitimista—propõe os candidatos seguintes:

Pelo circulo de Lisboa e por accumulção Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, advogado;

Pelo circulo da Guarda—Antonio José d'Albuquerque do Amaral Cardoso, engenheiro;

Pelo circulo de Torres Novas—D. Alexandre Saldanha da Gama, engenheiro;

Pelo circulo de Alemquer—Manuel Maria da Silva Bruschy, um redactor da *Nação*.

Renan.—A Morte, emissaria de Deus, fez comparecer em juizo, após 69 annos de espera, quem, nascido para amar a Jesus, levou a vida a fazer-lhe guerra. Ernesto Renan, que no seminario de S. Sulpicio iniciou os estudos ecclesiasticos, abandonou a milicia da Igreja para alistar-se sob as bandeiras inimigas. O estipendio que recebeu foi a gloria transitoria e fementida do tempo, concedida por Satanaz aos orgulhosos que o servem, objectivada no louvor estolido dos impios seus collegas,

(1) Só um faltou.

na missão desempenhada na Italia á custa do Instituto, na entrada na bibliotheca nacional em 1851, no logar obtido em 1856 na Academia das inscripções em substituição de Thierry, na missão scientifica á Phenicia e á Syria em 1860 com a publicação da impia *Vida de Jesus*, triumphantemente combatida por numerosos ecclesiasticos francezes, nas obras igualmente impias ácerca dos *Apostolos*, de *S. Paulo* e dos *Evangelhos*, no torpe romance a *Abbadessa de Jouarre*, no seu logar na Academia franceza, no collegio de França e até (!) na cruz da Legião d'Honra!... Reflexo de todos esses falsos brilhos, visto que Renan teve a CORAGEM de morrer impenitente, o governo francez honrou seu mestre, gastando dois contos de reis em exequias (civis, bem entendido) que manda fazer á custa do Estado.

Diz a *Croix*: «Renan foi o grande pontífice da religião nova—o laicalismo, cujo evangelho é a sua tristemente celebre *Vida de Jesus*. O fundador da nova religião não morreu pobre, cravado na cruz como Jesus Christo; soube acumular sobre sua cabeça todos os *canonicatos*, todas as *prebendas*, todos os *benefícios de que hoje dispõe a sociedade letga*.» Isto afirma a *Croix* com referencia á França. Em Portugal porém vemos tambem em largo uso os preceitos do Evangelho de Renan: venderam-se os conventos e os passaes; tomase conta dos bens das confrarias e misericordias etc. etc. O convento da Ave Maria, na cidade do Porto, actualmente em hasta publica, está indicando quanto o actual governo observa a doutrina de Renan.

Quem pois auxilia este governo, posta-se ao lado de Renan, o impio que, no dizer de seus adeptos, completou nos fins do seculo XIX a obra de Voltaire nos fins do seculo XVIII.

Outubro — 14.

D.

VARIEDADES

O cavalleiro da Pomba (1)

CONCLUIDO o officio da manhã, reunira o velho cavalleiro Graciano todos os pagens, no claustro de Gréoulz, para os adestrar no jogo das armas.

O cavalleiro era um veterano da Ordem de S. João de Jerusalem, cuja nobre estatura não dobrou ainda, nem aos languidos calores do Oriente, nem aos rudes exercicios da milicia, nem

aos golpes numerosos, recebidos para gloria de Jesus Christo. Sobre a couraça reluzente, erguia-se-lhe a cabeça tam donairoza e altiva como a do mais valente de seus discipulos. Com vigor juvenil brandia seu punho nervoso a comprida espada, e, na hora do assalto, rivalisava gloriosamente com os melhores combatentes.

Após ter commandado toda a vida a soldados valentes, entre os quaes mantinha uma disciplina de ferro, acceitara o posto de instructor dos pagens provençaes, da Commenda de Gréoulz uma das mais importantes da Provença. que, sobre ser um centro de muitos cavalleiros válidos, era abrigo de grande numero de feridos, de muitos acações veneraveis encanecidos no lidar dos combates, vindos aqui em busca de allivio a seus tormentosos males, proporcionado pelas excellentes aguas thermaes.

Havia mais em Gréoulz a eschola dos pagens da nobreza provençal: os cavalleiros pois viam crescer a seu lado esta fogosa mocidade, semelhantes ás oliveiras seculares das collinas de Durance circuitadas de renovos pujantes de seiva, e dispunham-se resignadamente a deixar a vida do tempo, vendo-se perpetuados nos animosos paladinos, futuro sustentaculo da honra da sua Ordem.

Fôra pois Graciano designado pelo Grão Mestre para dirigir a instrucção militar dos pagens. Por isso o encontramos rodeado por elles sob as abobadas do claustro.

Com ternura surprehendente n'um eximio batalhador como elle fôra, mostrava-se o cavalleiro tam amavel, tam paciente com os irrequietenos alumnos, que d'elle bem podia tomar exemplo o melhor dos paes. A par da mansidão havia n'elle uma singular energia, que despertava nos pagens a mais invejavel combinação de carinhoso respeito e estremecido affecto.

Sobretudo rudes correram os exercicios militares d'aquelle dia. Consistiram n'um simulacro de combate, corpo a corpo, com a armadura completa. Os pagens, dois a dois em frente uns dos outros, imaginavam um inimigo no que lhe estava defronte, e de adaga em punho aggreliam ou defendiam a vida.

Graciano presenciava o combate, detendo com um gesto os luctadores, quando um vivo entusiasmo parecia impellir-os além do que era conveniente. A seu tempo deu signal de suspensão do combate e congratulou os gentis pagens pela correccão que manifestaram. Estes, depositas as armas na sala respectiva, fizeram circulo em torno do hemquisto cavalleiro.

—Muito bem, muito bem, repetia

elle. Sabeis lidar com pulso firme, e vejo não faltar coragem nos vossos corações. Mas não esqueças nunca isto, Lamberto, disse para um joven a quem desejava soffrear a impetuosidade, não esqueças que a obediencia deve andar sempre ao lado da coragem. Sem obediencia jamais se encontrou um cavalleiro perfeito. Mas com ella pode-se vir a egualar o Cavalleiro da Pomba.

—Quem é esse cavalleiro, snr., inquiriram curiosos os pagens.

—Da melhor vontade vol-o direi. Mas chama-nos agora o irmão refeitor; fica pois a historia para a noite durante o recreio grande.

N'aquelle dia, lentamente se avisinhava a noite para os impacientes jovens; e tanto que tocou a recreio, afanosamente se agruparam em redor do velho Graciano, recordando-lhe a promessa feita. Conduziu-os o cavalleiro ao jardim; assentou se n'um banco rustico, e principiou a falar, no meio d'um rigoroso silencio dos circumstantes.

«—Não ignorais, queridos pagens, que a fundação de Gréoulz é devida aos templarios. Nem sempre pertenceu aos cavalleiros de S. João. Aqui viveram elles muito tempo, antes de infelizmente incorrerem nos crimes por que mereceram a dispersão. N'esse tempo, os cavalleiros, velhos como eu, instruiam os pagens e mais homens de guerra, ao passo que os jovens presidiavam a commenda.

«D'estes ultimos havia-os de espirito inquieto, assumpto de serios cuidados para o prior e o commendador. Apenas sonhavam com batalhas, justavam briosamente, mas, na reza do officio, bocejavam de principio a fim com lastimoso escandalo. Tendo-lhes o prior feito uma exhortação paternal, retorquiram «que lhe deixavam a elle os hymnos e as antiphonas, e se reservavam um outro melhor systema de orar, que eram famosas estocadas descarregadas nos incredulos.»

«Estes devotos templarios eram João d'Assé, Mario de Revert e Juliano du Fangat.

«N'aquelle mesmo tempo vivia em Gréoulz um joven cavalleiro, Vicente de Chateaufort, em nada parecido com seus companheiros, a não ser na intrepidez das lides marciaes. Nas horas, porém, que ellas lhe deixavam livres, comprazia-se de orar e meditar, no interior da cella ou no silencioso recinto da capella. João, Mario e Juliano, tractavam-no com desdem e riam-se d'elle, nada cortezmente. Ao verem-lhe as feições inalteraveis, n'um accento meditativo, chufavam em voz alta:

«—E'aquillo um homem para a guerra ou uma virgem aspirante a monja?

«Vicente ria se, pondo de parte os mal cabidos motejos.

(1) De Jaan Breda.